



“Isto é o mundo! E se é torto, não fomos nós que o fizemos torto.”

(O Cortiço, Aluísio Azevedo)

Espetáculo: CORTIÇOS

Concepção: Cia. Luna Lunera e Tuca Pinheiro

Direção: Tuca Pinheiro

Intérpretes Criadores: Cláudio Dias, Débora Vieira, Isabela Paes, Marcelo Souza e Silva e Fernando Oliveira

Produção: Cia. Luna Lunera

Classificação: 16 anos

Sinopse

A partir de uma linguagem corporal, a peça recorta a obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, trazendo personagens como o casal português Jerônimo e Piedade, a doce e jovem Pombinha, que escreve cartas a todos que lhe pedem, a escrava Bertoleza e a mulata Rita Baiana, todos imersos no cortiço do ambicioso João Romão. Ali, alegria, samba, pureza, saudade, sedução, traição, ganância disputa e poder permeiam as relações.

Prêmio Myriam Muniz

Contemplado com o Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2007, o projeto **Cortiços** partiu do intuito da Cia. Luna Lunera de pesquisar a obra *O Cortiço* por um viés essencialmente corporal, em processo conduzido pelo bailarino e coreógrafo Tuca Pinheiro. Da investigação de “sistemas corporais”, em treinamento orientado por Tuca, os atores improvisaram estruturas dinâmicas e imagéticas que resgatam a ambiência do texto original e pluralizam questões provocadas pelo diretor.

A obra O Cortiço e seu autor

O cortiço, de Aluísio Azevedo (1857 - 1913), é um dos maiores representantes do chamado Naturalismo no Brasil e revigorou o próprio conceito dessa estética em nossa literatura. Fruto de um genuíno trabalho de pesquisa, observação e, sobretudo, experimentação da sociedade urbana que surgia no Rio de Janeiro do final do século XIX, o romance oferece um apurado olhar sobre o homem. O autor opera uma verdadeira dissecação do organismo social vivo, num conglomerado de corpos e casebres, com suas misérias, patologias e, claro, com sua poesia intrínseca. O romance, síntese de um processo quase científico de construção literária, revela a habilidade ímpar do autor de focar sobre a espécie humana um olhar marcado pelas condições sócio-culturais da época, mas igualmente aberto a constantes ressignificações, como pode comprovar o leitor-espectador contemporâneo.

A convite de seu irmão, o dramaturgo Artur Azevedo, Aluísio Azevedo mudou-se em 1876 de sua cidade natal, São Luís - Maranhão, para o Rio de Janeiro e ingressou na Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Ao conhecer o cotidiano e a vida política cariocas, passou a

trabalhar como chargista em jornais da cidade. Em 1878, retornou a São Luís onde, atraído pelo jornalismo, escreveu para periódicos, publicou o romance romântico *Uma lágrima de mulher* e colaborou para a fundação do jornal *O Pensador*, que criticava a sociedade maranhense. Em 1881, lançou *O mulato*, primeiro romance naturalista da literatura brasileira, expondo o preconceito racial.

Partindo de verdadeiras imersões no universo que lhe inspirava, o Aluísio naturalista preocupou-se em interpretar a realidade da camada social marginalizada, em franco processo de degradação. Defendeu ideais republicanos e criticou o clero e a burguesia. Seus romances naturalistas: *O mulato* (1881); *Casa de pensão* (1884); *O homem* (1887); ***O cortiço*** (1890); e *O coruja* (1890).

O Diretor

Tuca Pinheiro (“Barrocando”, “Desiderium”, “Beijo... nos olhos, na alma, na carne”, “Sem Lugar”, “Do Contrário Assim Seria o Mesmo”, “Coreografia de Cordel”, entre outros) é bailarino e coreógrafo de forte atuação no cenário da dança contemporânea brasileira. O artista desenvolve um trabalho voltado para a criação coletiva, com atuações em vídeo-dança e composições coreográficas para teatro e cinema, tendo trabalhado com grandes nomes da cena atual, como: Carmen Paternostro, Denise Stutz, Dudude Herrmann, Gerald Thomas, Graziela Rodrigues, Josef Nadj. Seus trabalhos foram apresentados em grande parte do Brasil, América do Sul e Europa.

O processo e o espetáculo pelo Diretor

O texto de Aluísio Azevedo se constituiu princípio de investigação para revelar idéias a serem discutidas no trabalho. Idéias estas consonantes ao olhar de cada intérprete. Num primeiro momento pessoal, um relato de si mesmos. Posteriormente, as identificações com os personagens da obra literária dilataram-se e possibilitaram uma aproximação entre ficção e realidade.

Através da sintonia entre os intérpretes e personagens, as ações e relações contidas no texto tornam-se prioridades. Ou seja, o romance fornece pistas, e escolhas são feitas a cada instante. Escolhas que permitem detectar as tensões nas vidas das personagens como habitantes de um sistema: poder, ascensão social, disputa, exploração, submissão, desgosto, perda de identidade, desengano, sedução, erotismo, alegria, musicalidade, loucura, ritual de passagem, saudades, inocência violada, perdição, vida e morte, céu e inferno.

O Processo – O corpo como sistema aberto

O convite feito a um diretor coreográfico para dirigir o projeto trouxe à proposta da Cia. Luna Lunera, inevitavelmente, um confronto de linguagens precedido, antes de qualquer atrito, pelo exercício da investigação, coragem e generosidade. E se a direção propõe um olhar sobre o corpo na construção da obra, foi preciso entender o próprio corpo como discussão, produção, armazenamento e disponibilização de conhecimento para possibilitar a troca entre as partes envolvidas, gerando um sistema sem diferenciações e hierarquia; sem fórmulas e desprovido de qualquer rótulo que submetesse o trabalho a categorias, nomenclaturas.

Justamente as dúvidas – sobre onde seria sedimentado o eixo condutor da organização das idéias (corpo do texto / texto do corpo) – foram as diretrizes para entender o corpo como um

sistema aberto a provocações, estímulos, percepções, estados, lugar de estudo (da palavra, inclusive). A abertura necessária para criar um espaço onde as incertezas possam transitar livremente.

Observatório de Criação

O espetáculo integra as ações do **Observatório de Criação**, que põe à mostra os novos processos criativos da Cia. Luna Lunera. Viabilizado através do Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais, o projeto surgiu basicamente de três propósitos: a intensificação do treinamento dos atores da Cia.; o aproveitamento interno dos membros do grupo nos exercícios de direção, dramaturgia e preparação de atores; e a abertura demonstrativa desses procedimentos. O **Observatório** pretende radicalizar essas práticas que, ao longo de sua trajetória, o grupo tem realizado em ensaios abertos, oficinas, cursos, debates e palestras.

Premiação

6º Prêmio Usiminas-Sinparc - Melhor Ator Coadjuvante (Marcelo Souza e Silva) e Melhor Iluminação (Felipe Cosse e Juliano Coelho);

Ficha técnica

Concepção: Cia. Luna Lunera e Tuca Pinheiro

Direção e Coordenação Dramatúrgica: Tuca Pinheiro

Intérpretes Criadores: Cláudio Dias, Débora Vieira, Fernando Oliveira, Isabela Paes e Marcelo Souza e Silva

Assistência Dramatúrgica: Zé Walter Albinati, Odilon Esteves e Marcelo Souza e Silva

Treinamento Corporal: Tuca Pinheiro

Preparação Vocal: Helena Mauro

Oficina de Samba: Juliana Macedo

Cenografia: OSLA Arquitetura - Ed Andrade

Estagiário de Cenografia: Marlon Penido

Confecção de Cenário: Artes Cênicas Produções - Joaquim Pereira

Figurino: Juliana Macedo

Execução de Figurino: Ednara Botrel

Iluminação: Felipe Cosse e Juliano Coelho

Trilha Sonora: Tuca Pinheiro

Fotos: Tiago Lima

Programação Visual: Frederico Bottrel

Coordenação Artística: Isabela Paes

A Cia. Luna Lunera

Nos seus mais de dez anos de trajetória, a **Cia. Luna Lunera** é considerada um dos expoentes do teatro mineiro contemporâneo. Referência em Minas, é um grupo amadurecido, com comprovada repercussão nacional e internacional. Seu repertório é fruto de diferentes investigações que têm em comum o foco no trabalho do ator, na

valorização da cultura e de dramaturgos brasileiros, sejam eles consagrados ou estreados.

Perdoa-me por me Traíres (2000), do texto de Nelson Rodrigues e direção de Kalluh Araújo, arrebatou plateias através da estrutura passional de teatro-dança em que o espetáculo foi construído. Em 2001, **Perdoa-me por me Traíres** recebeu nove prêmios Sesc-Sated/MG, incluindo o de Melhor Espetáculo; a Cia. também foi contemplada com o prêmio de Melhor Produção 2001 pela Associação Mineira dos Produtores de Artes Cênicas na 7ª Edição do Prêmio Bonsucesso-Amparc; representou o Brasil no Chile nos festivais de Puerto Montt, Valdivia e Santiago e apresentou-se nos principais teatros e Festivais de Inverno mineiros. **Perdoa-me** foi convidado para o encerramento do ECUM - Encontro Mundial das Artes Cênicas/BH; em 2002 apresentou-se no 6º FIT-BH - Festival Internacional de Teatro Palco e Rua, no 3º Riocenacontemporânea/RJ e em Porto Alegre pelo projeto EnCena Brasil, do Ministério da Cultura. Em 2003, a Cia. foi convidada especial do Amostrão Vila Verão em Salvador/BA e cumpriu temporada no Teatro Sesc Belenzinho em São Paulo/SP.

Nesta Data Querida (2003), com direção de Rita Clemente e dramaturgia de Guilherme Lessa, resultou do Projeto Cena 3x4: uma iniciativa do Galpão Cine Horto e da Maldita Cia. de Investigação Teatral propondo uma pesquisa sobre o processo colaborativo de criação. O projeto teve coordenação de Chico Pelúcio (Grupo Galpão/MG) e Fernando Mencarelli, supervisão de Antônio Araújo (Teatro da Vertigem/SP) e do dramaturgo Luís Alberto de Abreu. A peça foi selecionada para o projeto Trilhas da Cultura da Fundação Belgo Mineira, com benefício da Lei Estadual de Incentivo/MG. Foi o espetáculo de encerramento da I Mostra da Cena Teatral Mineira, promovida pelo SESC São Carlos/SP e realizada pela Cia. Luna Lunera. Em 2005, realizou o Circuito USIMINAS, pela Lei Estadual de Incentivo/MG. Foi o espetáculo representante do Brasil no Festival XVI Temporales Internacionales de Teatro Año 2005 em Puerto Montt, Valdivia e Concepción, Chile. Em 2011, o espetáculo retornou aos palcos no Festival de Teatro Brasileiro/ Cena Mineira, se apresentando em Campinas/SP, Curitiba/PR e Porto Alegre/RS. Neste mesmo ano, como parte das comemorações dos 10 anos da Cia., a peça ficou em curta temporada pela Mostra Luna Lunera 10 Anos, em Ipatinga e Belo Horizonte.

A terceira montagem da companhia, **Não desperdice sua única vida ou...** (2005), teve direção de Cida Falabella. Relatos autobiográficos dos atores, crônicas, obras literárias, matérias jornalísticas, classificados de oportunidades, revistas e programas televisivos instigaram os motes das improvisações sobre as contradições, precariedades e ironia cotidianas. Em 2006, **Não desperdice** recebeu o Prêmio Sesc-Sated de Melhor Direção (Cida Falabella) e Melhor Ator (Odilon Esteves), bem como o Prêmio Usiminas-Sinparc de Melhor Dramaturgia Inédita (Cida Falabella e Cia. Luna Lunera). Participou do 15º Festival de Teatro de Curitiba/PR e do 8º FIT-BH – Festival Internacional de Teatro Palco e Rua.

Aqueles Dois (2007), baseado no conto homônimo de Caio Fernando Abreu, foi o primeiro espetáculo criado dentro do projeto Observatório de Criação (pelo Fundo Estadual de Cultura), que objetiva pôr à mostra os novos processos criativos da Cia. Luna Lunera. Apresentou-se em importantes festivais nacionais e internacionais no Brasil (Festival de Curitiba/PR – Mostra Contemporânea; FIT-BH - Festival Internacional de Teatro Palco e Rua de Belo Horizonte/MG; Fiac - Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia – Salvador/BA; Festival Recife do Teatro Nacional – Recife/PE; Filo -

Festival Internacional de Londrina – Londrina/PR; Cena Contemporânea – Festival Internacional de Teatro de Brasília/DF) e cumprido longa temporada no Sesc Avenida Paulista - São Paulo/SP (2008), na Campanha de Popularização do Teatro e da Dança – Belo Horizonte/MG (2009) e no Centro Cultural Banco do Brasil – Rio de Janeiro/RJ (2010). Em 2010, foi apresentado em 44 cidades e 14 estados através do Palco Giratório, projeto do Sesc Nacional. Neste mesmo ano, ganhou uma versão em espanhol e foi apresentado no 3º *Encuentro de Creadores Teatrales Independientes* em Santiago de Querétaro, México. **Aqueles Dois** foi contemplado no 13º Prêmio Sesc-Sated/MG nas categorias Melhor Espetáculo e Melhor Direção; no 5º Prêmio Usiminas-Sinparc nas categorias Melhor Espetáculo, Melhor Direção e Melhor Ator (Rômulo Braga); foi indicado ao Prêmio Shell São Paulo 2009 nas categorias de Melhor Direção, Melhor Cenário e Melhor Iluminação, tendo recebido este último. Participou dos principais festivais nacionais e internacionais de teatro no Brasil; cumpriu temporadas significativas em Belo Horizonte, São Paulo (SESC SP) e Rio de Janeiro (CCBB). Circulou por 15 estados brasileiros através do Palco Giratório (SESC). Estreou, em 2010, sua versão em espanhol, em Santiago de Querétaro, México.

Cortiços (2008), direção de Tuca Pinheiro, é inspirado em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Espetáculo integrante do Observatório de Criação, Cortiços foi contemplado com o Prêmio Myriam Muniz/Funarte 2007. Participou do 3º Verão Arte Contemporânea 2009, Belo Horizonte/MG e do Festival Internacional da Língua Portuguesa 2009 no Rio de Janeiro/RJ. Em 2011, participou do Festival de Teatro Brasileiro/ Cena Mineira, se apresentando em Campinas/SP, Curitiba/PR e Porto Alegre/RS. Também em 2011, participou da Mostra Luna Lunera 10 Anos, em Ipatinga e Belo Horizonte. O espetáculo foi ganhador do 6º Prêmio Usiminas-Sinparc nas categorias Melhor Ator Coadjuvante (Marcelo Souza e Silva) e Melhor Iluminação (Felipe Cosse e Juliano Coelho).

A Cia. Luna Lunera produziu, em 2009, o espetáculo infantojuvenil **Um Gato Para Gertrudes** (Direção e Dramaturgia Fafá Rennó) e a **Siana – Semana Internacional de Artes Digitais e Alternativas**, em Belo Horizonte, evento integrante do calendário oficial do Ano da França no Brasil (França.Br). A Cia. exercita interlocução com outros grupos brasileiros e do exterior, sendo membro do **Teatropeia**, coletivo de discussão e criação teatral que, além da Luna Lunera no Brasil, conta com a participação de três grupos mexicanos e um espanhol. Em 2012, a Luna Lunera realizou residência artística no **Odin Teatret**, em Holstebro, na Dinamarca. O treinamento foi direcionado pela atriz Roberta Carreri e teve foco na transmissão de experiências.

Além do seu reconhecimento artístico, a Cia. Luna Lunera vem se tornando uma referência na formação profissional e de público, através de inúmeras ações de trocas de experiência, democratização do acesso à arte e ampliação dos seus circuitos de exibição. Ao mesmo tempo em que busca uma comunicação efetiva com os espectadores, a Cia. não opta por encenações fáceis. Ao contrário, busca sempre novos caminhos, através da pesquisa continuada e do diálogo com outros criadores contemporâneos. Essa troca aparece na construção do discurso, em que referências literárias e teatrais nacionais, movimentos corporais, silêncios, sonoridades diversificadas e experiências pessoais se conjugam de modo fragmentado e simultâneo, sempre acessível ao público.

Sendo ‘multiplicar’ um de seus pilares, a Cia. Luna Lunera prima por ser construtora e difusora de conhecimentos. Seus integrantes são professores de teatro em sua própria

sede, em entidades parceiras, escolas e faculdades no interior do Estado. Têm atuado como diretores e encenadores, sendo convidados como palestrantes, difundindo o teatro ao ministrarem aulas em cursos superiores no Brasil e no exterior.